

Faça aqui

A palavra certa não pode ser um adjetivo. Melhor se for um substantivo. Mas, dependendo, advérbio serve. Precisamente. Ou seja, conforme o tempo dos relógios ingleses (ou seriam relógios suíços, usados por ingleses?). O tempo dos que não se atrasam, nem se adiantam, permanecendo sempre em cima da hora.

Chegamos à exposição “Faça aqui”, de Ana Luiza Dias Batista, no exato momento em que vemos o miolo da fechadura girar. Não vemos a chave, só o movimento circular da engrenagem do miolo. Algo como um eterno abrir, como se o gesto de girar a chave não fosse uma ação que só faz sentido quando precisamos transpor uma barreira e adentrar um recinto. Como se pudéssemos falar: “Ontem passei a tarde girando as chaves, perdi a noção do tempo”.

Como, aliás, dizemos mesmo em outras situações, como quando estamos jogando: ficamos encaixando, combinando os iguais, fazendo sequências, movimentando peças, dados, cartas ou blocos coloridos. Para quê? Para que eles sumam. Para que eles se alinhem. Para que os lados fiquem iguais. O fim do jogo acontece quando os peões da mesma cor entram na casa de chegada, quando não sobram mais peças na mesa, no tabuleiro, nas mãos. Ou quando “resta um”, como no solitário jogo de mesmo nome, que a artista constrói diretamente nas paredes do espaço expositivo, usando apenas materiais de montagem: buchas e parafusos, relacionando a construção da “obra de arte” a esse tipo de atividade bastante específica que é o jogo, ou seu irmão, o passatempo.

O cofre-cubo-mágico, outra peça em exposição, também faz referência a um jogo. Novamente um desses que se joga sozinho. As faces do cofre, quadradas, correspondem às do cubo-mágico e foram cortadas em três partes iguais, na horizontal e na vertical. As linhas, que desenham essas nove placas em cada face, já insinuam sua independência do conjunto e sugerem que podem ser movidas separadamente. Um, apenas um, movimento de rotação do bloco inferior, faria o cubo-cofre encaixar perfeitamente. A esse movimento corresponde o fim do jogo, a abertura do cofre, o giro da chave que abre a porta. Um clique. Um som diferente, que romperia a uniformidade do tempo passando, homogêneo, cíclico, sempre a recomençar. Tempo reiterado na instalação sonora, no hall de entrada da exposição que, imitando o início de uma nova partida de um jogo eletrônico, ou um trecho (de suspense, de mistério) da trilha sonora de um desenho animado, sinaliza a entrada do espectador em campo: “Está valendo”.

Mas a exposição começa antes, ainda fora do espaço expositivo, na calçada de fora do Ateliê397 onde a artista incrusta chaves no cimento, imitando um chão de

chaveiro. O tapete de chaves invade o chão de dentro, ao longo corredor que acompanha a casa, abandonando ali, definitivamente, qualquer suposta função de sinalização comercial. As chaves que abrem a porta do espaço estão entre as que foram espalhadas na calçada: visíveis, mas indecifráveis e, de qualquer maneira, inacessíveis. O fato de não serem manipuláveis – estão presas no chão com cimento – contrasta com o nome da exposição, “Faça aqui”, que convidaria a algum tipo de atividade.

Na exposição, o convite à ação é seguido pela impossibilidade, inutilidade, falta de necessidade em agir: as chaves estão presas do lado de fora e, mesmo assim, o miolo gira do lado de dentro. Os jogos estão expostos, mas não para serem jogados – mesmo se fossem, essa ação seria meramente reiterativa, um movimento já prescrito. Algo dessa ordem acontece também com as chaves gigantes, recolhidas pela artista em diversos chaveiros da cidade. No interior da sala expositiva, elas não operam mais como placas que anunciam um serviço. Sua disposição – penduradas na parede, alinhadas – sugere que as vejamos como chaves novas esperando para serem gravadas. Ao colocar essas chaves “de Itu” ou “do carro zero km sorteado em algum programa de auditório” na situação real de chaveiro, no contexto da vida cotidiana, o efeito que produz é algo entre o bizarro (o caráter grotesco de algumas representações mal feitas de coisas reais), o cômico (efeito do aumento ou diminuição demasiada de um objeto, descaracterizando-o e inutilizando sua função) e a brincadeira infantil (onde objetos são agigantados para facilitar encaixes e manipulação). Esses três modos de distorção que comparecem à exposição “Faça aqui” são estratégias que interrompem a apreensão imediata das obras. Tais ruídos criados pela artista prolongam o contato com o trabalho para além de um instante, exigindo do espectador ajustes (de tamanho, de posição, de localização) que mantêm tensa a linha que une o objeto-obra ao sujeito-espectador, criando esse presente alargado.

Thais Rivitti, agosto de 2015.